

***SPECULUM MAIUS*: METAFÍSICA E TEOLOGIA EM UMA ENCICLOPÉDIA DO SÉCULO XIII**

Alfredo Storck

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq¹

Resumo: O presente artigo pretende analisar o *Speculum doctrinal* de Vicente de Beauvais, destacando o modo como o autor busca assimilar materiais de origem árabe, especialmente no que diz respeito à divisão e classificação das ciências. Defenderemos que Vicente de Beauvais manterá em sua obra o espírito que animava as enciclopédias do século do século XII ao mesmo tempo em que recorrerá aos textos árabes para apresentar a estrutura do conhecimento humano. Como resultado, surgirá uma certa tensão entre a metafísica e a teologia como disciplinas supremas.

Palavras-chave: Vicente de Beauvais, enciclopédias medievais, divisão das ciências.

Abstract: This article aims to analyze the *Speculum doctrinal* of Vincent de Beauvais, highlighting the way in which the author seeks to assimilate materials of Arab origin, especially with regard to the division and classification of sciences. We will argue that Vincent de Beauvais will maintain in his work the spirit that animated the encyclopedias of the 12 century while resorting to Arabic texts to present the structure of human knowledge. As a result, a certain tension will arise between metaphysics and theology as supreme disciplines.

Keywords: Vicent de Beauvais, medieval encyclopedias, division of sciences.

Obra-mestra de Vicente de Beauvais (1190 - 1264), o *Speculum maius*² é, sem dúvida, a principal enciclopédia do século XIII. Trata-se uma enorme compilação de textos de várias origens (latinos, gregos e árabes) e períodos (antigo e medieval) que recobre a maior parte do conhecimento disciplinar disponível à

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (307054/2017-9).

² VINCENT DE BEAUVAIS, *Bibliotheca Mundi seu Speculum Maius ... Speculum quadruplex, naturale, doctrinale, morale, historiale*, ... Douai, 1624, 4 vol. Para uma apresentação da vida e da obra de Vicente de Beauvais, consulte-se LUSIGNAN, S. *Préface au Speculum maius de Vincent de Beauvais: refraction et diffraction*. Paris, Vrin, 1979. A segunda parte dessa obra contém uma edição do *Libellus totius operis apologeticus* o qual faz as vezes de prefácio da enciclopédia. Para a resenha do livro de Lusignan, consulte-se GAGNON, C., "Serge Lusignan, Préface au Speculum Maius de Vincent de Beauvais: refraction et diffraction [compte-rendu]", *Revue Philosophique de Louvain*, 46 (1982), p. 319-324. Para a edição do *Liber XVI do Speculum Doctrinale*, veja-se MORELLI, A. "Il ruolo delle arti quadriviali nello *speculum doctrinale* de Vincenzo di Beauvais", in *Medioevo* 25 (1999-2000), p. 168-235. Uma excelente fonte de informações sobre a obra de Vicente de Beauvais pode ser encontrada em: <https://ateliervdb.hypotheses.org/>, consultado em 20/10/2019 e <http://www.vincenziusbelvacensis.eu/>, consultado em 20/10/2019.

época. O título fornece uma primeira indicação de seu conteúdo. A palavra *speculum*, frequentemente empregada por autores medievais, possuía uma significação ambivalente. Por um lado, significava espelho, no sentido de um objeto que propicia ao homem conhecer-se externamente para corrigir seus defeitos corporais; por outro, espelho é um instrumento que proporciona uma visão indireta daquilo que o ser humano não pode estudar diretamente,³ como o sol. Ambas as acepções estarão intimamente associadas e formarão um gênero literário importante na Idade Média, sendo usadas para tratar da conduta moral: Espelhos dos Príncipes, Espelhos da Virgens etc. Vicente também emprega a expressão em um sentido mais amplo: tudo aquilo que é digno de contemplação (*speculatio*), o que conduz o autor a propor uma apresentação sistemática do conhecimento de sua época. Além disso, a qualificação de *maius* atesta a extensão do projeto.⁴ Como observa L. Sileo,⁵ o *Speculum maius* foi redigido por cerca de quinze anos (1243 - 1257/58) durante os quais vários textos foram gradativamente incorporados. Assim, as teses de autores como Alberto Magno e Tomás de Aquino, que não foram inicialmente consideradas, passaram a ser incluídas em versões posteriores.⁶ Na sua edição do século XVI, o livro possui quatro partes: *Speculum natural*, *doutrinal*, *moral* e *histórico*, mas somente as duas primeiras partes e a última foram redigidas por Vicente de Beauvais.⁷ O *Speculum moral* é, na verdade, uma coleção apócrifa datada do final do século XIII que compila extratos das obras de Tomás de Aquino.

1. O *Speculum doutrinal* a e origem das disciplinas filosóficas

Nosso interesse no presente artigo recairá exclusivamente sobre o *Speculum doutrinal* por tratar-se de um excelente testemunho da assimilação, no Ocidente latino cristão, de materiais de origem árabe, especialmente no que diz respeito à divisão e classificação das ciências. Avicena, Algazel e especialmente

³ MUNIER, C., "Introduction", in VINCENT DE BEAUVAIS, *De Institution morale du prince*, édition établie, présentée et annotée par C. Munier, Paris, Éditions du Cerf, 2010, p. 21-22.

⁴ A observação é de LEMOINE, M. "L'œuvre encyclopédique de Vincent de Beauvais", in *Cahiers d'histoire mondiale* 9/3 (1966), p. 571-579. Note-se que o fascículo 3 é inteiramente consagrado à história das enciclopédias.

⁵ SILEO, L., "Il libro: forme d'insegnamento e generi letterari", in G. D'ONOFRIO (ed.), *Storia della Teologia nel Medioevo. II. La grande fioritura*, Casale Monferrato, Piemme, 1996, p. 551-601. Sobre Vicente de Beauvais, ver p. 584-586.

⁶ SCHNEIDER, J. "Une encyclopédie du XIII^e siècle: le 'Speculum maius' de Vincent de Beauvais", in HASENOHR, G. et LONGERE, J. (eds), *Culture et travail intellectuel dans l'occident médiéval*, Paris, Éditions du CNRS, 1981, p. 187-195.

⁷ Sobre isso, consulte-se: PAULMIER, M., "Étude sur l'état des connaissances au milieu du XIII^e siècle: nouvelles recherches sur la genèse du *Speculum maius* de Vincent de Beauvais", in *Spicae, Cahiers de l'atelier Vincent de Beauvais* 1 (1978), p. 91-121.

Alfarabi são mencionados, mas sem que suas posições sejam tomadas em oposição às dos latinos. Pelo contrário, Vicente de Beauvais manterá em sua obra o espírito que animava as enciclopédias do século do século anterior, acrescentando os novos conhecimentos de sua própria época. O ponto é claramente percebido na concepção do conhecimento como remédio para curar os seres humanos dos males que os afligem neste mundo. No início do *Speculum doutrinal*, lê-se:

“Três coisas concedeu Deus ao homem na sua criação. A primeira foi que o fez a sua imagem. A segunda, que o fez a sua semelhança. A terceira foi a imortalidade do corpo, caso ele permanecesse obediente ao criador. Esses três bens foram divinamente dados ao homem na sua condição e foram inseridos natural e originariamente. Outros dois bens do homem lhe foram alocados como que externamente, um abaixo e outro acima dele. Abaixo está o mundo, acima Deus. O mundo é um bem visível e temporal, Deus é um bem invisível e eterno. Em Deus, é o homem beatificado e, no mundo, beatificando. Sob Deus, esteve por condição, sobre o mundo, por dignidade. (...) Existem, todavia, três males principais que corrompem os três precedentes bens. Pela ignorância, a imagem divina foi corrompida, pela concupiscência, a semelhança divina e, pela enfermidade, a imortalidade do corpo. (...) Além disso, três são os remédios pelos quais os três precedentes males são repelidos e os três bens renovados, a saber a Sapiência, a Virtude e a Necessidade. A Sapiência é a compreensão das coisas como elas são. A Virtude é uma disposição da alma conforme a razão de um modo natural. A Necessidade é aquilo sem o qual não podemos viver. Para descobrir esses três remédios, foi encontrada cada arte e cada disciplina. Para descobrir a Sapiência, foi encontrada a Teórica; para a Virtude, a Prática; para a Necessidade, a Mecânica. A Teórica, ao repelir a ignorância, ilumina a Sapiência. A Prática, ao excluir o vício, consolida a virtude. A Mecânica ao cuidar da penúria, tempera o defeito da presente vida. (...) Para a eloquência, foi encontrada a Lógica, a mais recente de todas, para que os sábios que investiguem e encontrem as principais ciências acima e as demais, tratem delas da forma mais correta, verdadeira e elegante. E assim se diferenciam: o mais correto, pela gramática, o mais verdadeiro, pela dialética e mais elegante, pela retórica. A Teórica é considerada contemplativa, a Prática ativa, a Mecânica

adulterina⁸ e a Lógica verbal. São, portanto, essas as quatro ciências nas quais se divide toda a filosofia.”⁹

A apresentação dos três males que assolam a natureza humana e dos três medicamentos que lhes correspondem é bastante difundida no século XII¹⁰ e remonta provavelmente ao *Didascalion* de Hugo de São Vitor, obra escrita em torno dos anos 1120.¹¹ No seu primeiro apêndice, lemos:

“Há três coisas: a *Sapiência*, a virtude, a necessidade. A *Sapiência* é a compreensão das coisas como elas são. ‘A virtude é um hábito do espírito conforme a razão segundo a lei da natureza.’ A necessidade é aquela sem a qual não podemos viver e sem a qual viveremos mais felizmente. Estas três coisas são três remédios contra três males, aos quais a vida humana está sujeita: a *Sapiência* contra a ignorância, a virtude contra o vício, a necessidade contra a enfermidade. Para extirpar estes três males

⁸ Sobre essa caracterização, veja-se : CHENU, M.-D., *La Théologie au XII^e siècle*. Paris, Vrin, 1954, p. 48.

⁹ VICENTE DE BEAUVAIS, *Bibliotheca Mundi seu Speculum Maioris. Tomus secundus qui Speculum Doctrinale inscribitur*. Duais, 1624, f^o 9-10: “Tria vero dederat homini Deus in creatione sua. Primum fuit, quod eum fecerat ad imaginem suam. Secundum quod ad suam similitudinem. Tertium erat immortalitas corporis, si tamen perstisset in obsequio creatoris. Haec tria bona fuerant homini in conditione diuinitus data, et naturaliter, et originaliter insita fuerant. Et alia duo bona hominis, quasi extra eum posita fuerunt ; unum subtus eum, aliud supra eum. Subtus eum mundus, supra eum Deus. Mundus visibile bonum, et transitorium ; Deus inuisibile bonum, et aeternum. In isto fuerat homo beatus, in illo beatificandus. Sub Deo fuit conditione, supra mundum dignitate. (...) Sunt autem tria mala principalia, quae corrumpunt tria bona praecedentia. Per ignorantiam namque corrupta est diuina imago, per concupiscentiam diuina similitudo, per infirmitatem immortalitas corporis. (...) Porro tria sunt remedia, quibus tria mala praedicta repelluntur, et tria bona reformantur scilicet Sapientia, Virtus, Necessitas. Sapientia est comprehensio rerum prout sunt. Virtus est habitus animi in modum naturae rationi consentaneus. Necessitas est sine qua vivere non possumus⁹. Propter haec autem tria remedia inueniendam, inuenta est omnis ars, et omnis disciplina. Nam propter inueniendam Sapientiam, inuenta est Theorica ; propter Virtutem Practica ; propter Necessitatem Mechanica. Theorica ignorantiam expellens, Sapientiam illuminat ; Practica vitium excludens, virtutem roborat. Mechanica penuriam, cauens, praesentis vitae defectum temperat. (...) Novissima autem omnium inventa est Logica, causa eloquentiae scilicet ut sapientes, qui praedictas principales scientias, et disciplinas inuestigarent, et inuenirent, rectius, veracius, et ornatus illas tractarent, ac de illis differerent : Rectius per Grammaticam ; Veracius per Dialecticam ; Ornatus per Rethoricam. Theorica interpretatur contemplatiua, Practica actiua, Mechanica adulterina, Logica sermocinialis. Sunt igitur haec quatuor scientiae, in quas omnis philosophia dividitur.”

¹⁰ Veja-se : DE RIJK, L. M., “Some Notes on the Twelfth Century Topic of the Three (Four) Human Evils and of Science, Virtue, and Techniques as Their Remedies”, in *Vivarium* 5, 1 (1967), p. 8-15. Lembremos que também, entre os árabes, Avicena considerava a sua enciclopédia filosófica (*Shifā*) como uma obra destinada à cura da alma.

¹¹ Sobre a data de composição dessa obra, consulte-se : *The Didascalicon of Hugh of St. Victor. A medieval guide to the arts*, translated from the latin with an introduction and notes by J. Taylor, New York, Columbia University Press, 1961, p. 3.

são exigidos estes três remédios, e para encontrar esses remédios foi inventada cada arte e cada disciplina. Para a *Sapiência* foi encontrada a teórica, para a virtude foi encontrada a moral, para a necessidade foi encontrada a mecânica. Estas três foram as primeiras em uso, mas depois para a eloquência foi encontrada a lógica. Esta, mesmo sendo a última a ser descoberta, deve ser, todavia, a primeira no ensino. Quatro, portanto, são as ciências principais, das quais derivam todas as outras: a teórica, a prática, a mecânica, a lógica.”¹²

A despeito das muitas semelhanças entre os dois textos, Hugo de São Vitor não é, no entanto, a fonte primária de Vicente de Beauvais, isto porque a lista de males não é idêntica em ambos os autores. Para Vicente, os males seriam: *ignorantia*, *concupiscentia* e *infirmitas*, ao passo que Hugo prefere *ignorantia*, *vitium* e *infirmitas*. A diferença pode parecer mínima, mas vamos encontrar a lista exata em outro mestre da escola São Vitor, Ricardo de São Victor († 1173). Com efeito, o *Liber Exceptionum*, redigido entre os anos de 1153 e 1162, inicia com uma apresentação da condição humana no momento de sua criação e na qual podemos ler:

“Três bens principais deu Deus ao homem na criação. O primeiro bem foi que Deus o fez a sua imagem; o segundo bem foi que ele o fez a sua semelhança, o terceiro bem foi a imortalidade do corpo, se o homem permanecesse obediente ao fundador. Esses três bens foram divinamente dados ao homem na sua condição e foram inseridos natural e originariamente. Outros dois bens do homem lhe foram alocados como que externamente, um abaixo e outro acima dele. Abaixo está o mundo, acima Deus. O mundo é um bem visível e temporal, Deus é um bem invisível e eterno. Em Deus, foi o homem

¹² HUGO DE SÃO VITOR. *Didascálicon. Da arte de ler*. Introdução e tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis, Editora Vozes, 2001, p. 267. Eis o texto latino correspondente: “Tria sunt: sapientia, virtus, necessitas. Sapientia est comprehensio rerum prout sunt. Virtus est habitus animi in modum naturae rationi consentaneus. Necessitas est sine qua vivere non possumus, sed felicius viveremus. Haec tria remedia sunt contra mala tria quibus subiecta est vita humana: sapientia contra ignorantiam, virtus contra vitium, necessitas contra infirmitatem. Propter ista tria mala extirpanda quaesita sunt ista tria remedia, et propter haec tria remedia inveniendis inventa est omnis ars et omnis disciplina. Propter sapientiam inventa est theorica, propter virtutem inventa est practica, propter necessitatem inventa est mechanica. Ista tres usu primae fuerunt, sed postea propter eloquentiam inventa est logica. Quae cum sit inventione ultima, prima tamen esse debet in doctrina. Quattuor ergo sunt principales scientiae a quibus omnes aliae descendunt: theorica, practica, mechanica, logica.”

criado e, no mundo, beatificando. Sob Deus, esteve por condição, sobre o mundo, por dignidade. (...) Existem, assim, três bens primordiais do homem dados ao homem em sua condição e inseridos substancialmente: a imagem de Deus, a semelhança de Deus e a imortalidade do corpo se perseverasse obediente ao Criador.”¹³

Após, Ricardo de São Vítor fornece a lista de males que causam a corrupção dos três bens anteriores. E, desta vez, a lista é precisamente a de Vicente de Beauvais:

“Mas existem três males principais que corrompem os três bens precedentes, a saber a ignorância, a concupiscência e a enfermidade. A ignorância do bem, a concupiscência do mal e a enfermidade corpo do homem. Pelo primeiro mal foi corrompido o primeiro bem, pelo segundo o segundo e pelo terceiro o terceiro. Pela ignorância foi corrompida a imagem divina em nós, pela concupiscência a semelhança divina e pela enfermidade a imortalidade do corpo.”¹⁴

Para esses três males, Ricardo de São Vítor propõe três remédios e o faz retomando a lista de Hugo de São Vítor:

“Três são os remédios principais contra os três precedentes males, para que sejam repelidos os três males pelos três remédios e os três bens sejam renovados. São esses: a sapiência, a virtude e a necessidade. A sapiência contra a ignorância, a

¹³ RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber exceptionum*, texte critique avec introduction, notes et tables publiées par J. Chatillon, Paris, Vrin, 1958, p. 104-105: “Tria bona principalia dedit Deus homini in creatione. Primum bonum fuit quod eum Deus fecit ad imaginem suam; secundum bonum fuit quod eum fecit ad similitudinem suam; tertium bonum fuit immortalitas corporis, si perstitisset homo in obsequio conditoris. Ista tria bona fuerunt homini in conditione divinitus data, et naturaliter et originaliter insita. Fuerunt et alia duo bona hominis quasi extra eum, unum subtus eum, aliud supra eum. Subtus eum mundus, supra eum Deus. Mundus visibile bonum et transitorium, Deus invisibile bonum et eternum. In isto fuit homo creatus, in illo beatificandus. Sub Deo fuit homo conditione, supra mundum dignitate. De inferiori bono recessurus, ad superius bonum perventurus. Sunt itaque tria primordialia bona hominis homini in conditione data, et substantialiter insita: imago Dei, similitudo Dei, immortalitas corporis si perseverare voluisset in obsequio Creatoris.”

¹⁴ RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber exceptionum*, p. 105: “Sunt autem tria mala principalia que corrumpunt tria bona precedentia, scilicet ignorantia, concupiscentia, infirmitas. Ignorantia boni, concupiscentia mali, infirmitas corporis homini. Per primum malum corruptum est primum bonum, per secundum secundum, per tertium tertium. Per ignorantiam namque corrupta est in nobis divina imago, per concupiscentiam divina similitudo, per infirmitatem immortalitas corporis.”

virtude contra o vício, a necessidade contra a enfermidade. A sapiência é a compreensão das coisas como elas são. A virtude é uma disposição da alma conforme a razão de um modo natural. (...) A necessidade é aquilo sem o qual não podemos viver, mas viveremos mais felizes. São assim esses os três remédios a sapiência, a virtude e a necessidade, contra os três males acima: a ignorância, o vício e a enfermidade.”¹⁵

Posteriormente, ele mostra como os três remédios estão na origem de três tipos de ciências, sendo a lógica uma quarta disciplina, mas mais recente:

“Para descobrir esses três remédios, foi encontrada cada arte e cada disciplina. Para descobrir a sapiência, foi encontrada a teórica; para descobrir a virtude foi encontrada a prática; para descobrir a necessidade foi encontrada a mecânica. A teórica, ao repelir a ignorância, ilumina a sapiência. A prática, ao excluir o vício, consolida a virtude. A mecânica ao cuidar da penúria, tempera o defeito da vida presente. (...) Para a eloquência, foi encontrada a Lógica, a mais recente de todas, para que os sábios que investigarem e encontrem as principais disciplinas acima as tratem de forma mais correta, verdadeira e honesta. E saibam explicá-las mais corretamente pela gramática, mais verdadeiramente pela dialética e mais honestamente pela retórica. (...) A teórica é considerada contemplativa, a prática ativa, a Mecânica adúltera e a Lógica verbal.”¹⁶

¹⁵ RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber exceptionum*, p. 105: “Tria sunt remedia principalia contra tria predicta mala, ut per tria remedia tria mala repellantur, tria bona reformentur. Sunt autem hec: sapientia, virtus, necessitas. Sapientia contra inquantiam, virtus contra vitium, necessitas contra infirmitatem. Sapientia est comprehensio rerum prout sunt. Virtus est habitus animi, in modum nature rationi consentaneus. (...) Necessitas est sine qua vivere non possumus, sed felicius viveremus. Sunt itaque ista tria remedia sapientia, virtus, necessitas, contra tria supradicta mala ignorantiam, vitium, infirmitatem.”

¹⁶ RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber exceptionum*, p. 105-106: “Propter ista autem tria remedia invenienda inventa est omnis ars et omnis disciplina. Propter inveniendam namque sapientiam inventa est theorica. Propter inveniendam virtutem inventa est practica. Propter inveniendam necessitatem inventa est mechanica Theorica ignorantiam expellens sapientiam illuminat; practica vitium excludens virtutem roborat; mechanica penuriam cavens vite presentis defectum temperat. (...) Novissima autem omnium inventa est logica, causa eloquentie, ut sapientes qui predictas principales disciplinas investigarent et invenirent, rectius, veracius, honestius illas tractare, de illis disserere scirent: rectius per grammaticam, veracius per dialecticam, honestius per rethoricam. (...) Theorica interpretatur contemplativa, practica activa, mechanica adúltera, logica sermocinalis.”

Segue-se, portanto, que existiriam quatro tipos de ciências as quais dividiriam completamente o campo da filosofia, a saber: teórica, prática, mecânica e lógica.¹⁷ Podemos concluir, assim, que Ricardo de São Vitor é, de fato, a fonte de Vicente de Beauvais. Mesmo assim, cabe perguntar por qual razão, e contrariamente a sua prática habitual, ele omite esse fato. Vicente é normalmente bastante zeloso ao citar suas fontes, identificando-as no início de cada citação e marcando sua posição pessoal com a expressão "*auctor*". Não obstante, apesar desta prática e da repetição quase que literal do texto de Ricardo, este não é nomeado. Talvez isso se deva ao fato de, exceto por alguns detalhes, o texto de Ricardo já ser uma reformulação do de Hugo. Parece-nos, assim, que Vicente estava bastante consciente da longa tradição do texto que reproduz. Não o cita para mencionar uma simples posição ou opinião sobre a origem da ciência. Pelo contrário, havia uma tradição que ele julgava arraigada e que ele próprio buscava continuar, muito embora essa tradição já estivesse perdendo sua força no momento em que Vicente redige sua obra. Note-se, contudo, ser precisamente essa tradição (que inclui o conhecimento como remédio para os males da condição humana) que permite ao *Speculum doctrinal* assimilar textos de várias origens. Para darmos apenas um exemplo, imediatamente após explicar a origem das línguas através de textos provenientes de Agostinho e de Isidoro, Vicente menciona Alfarabi para esclarecer a divisão das ciências da linguagem.¹⁸ Dito em outras palavras, Vicente de Beauvais justifica a assimilação de novos conhecimentos de origem árabe pelo mesmo procedimento tradicionalmente empregado pela Escola de São Vitor para explicar a assimilação de conhecimentos de origem latina e grega.

2. A divisão das ciências no *Speculum doctrinal*

Devido à redescoberta de Aristóteles e à introdução de materiais de origem árabe, o problema da classificação das ciências esteve na ordem do dia no século XIII. A classificação tradicional, tal como a encontramos na Escola São Vitor, foi ela própria o resultado de vários séculos de elaboração a partir de elementos de origem aristotélica e platônica transmitidos principalmente por Boécio.¹⁹ Muitas vezes chamado de o último romano e o primeiro escolástico, Boécio dividia a ciência especulativa em três partes: a ciência da

¹⁷ RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber exceptionum*, p. 106: "Quatuor igitur sunt scientie in quas omnis philosophia dividitur: theorica, practica, mechanica, logica."

¹⁸ VINCENT DE BEAUVAIS, *Speculum Doctrinale*, f° 36E - 37C.

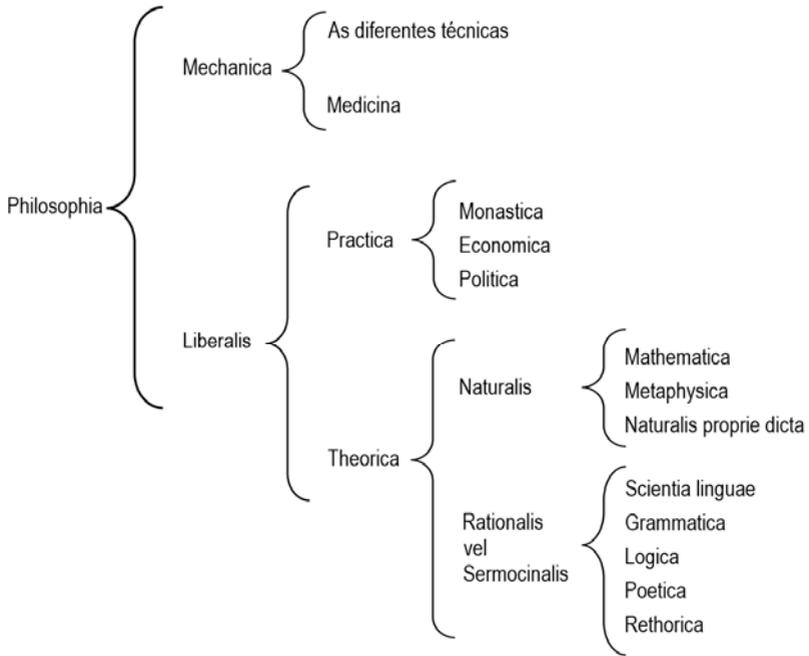
¹⁹ Para uma apresentação geral do problema da classificação das ciências na Idade Média, consulte-se: WEISHEIPL, J., "Classification of Sciences in Medieval Thought", in *Medieval Studies*, 27 (1965), p. 54-90 e WEISHEIPL, J., "The nature, scope and classification of the sciences", in LINDBERG, D. C. (ed), *Science in the Middle Ages*, Chicago, Chicago University Press, 1978, p. 461-482.

natureza, a matemática e a teologia, sendo essa última a disciplina que investiga o ser imóvel, abstrato e separável da matéria, em uma palavra: Deus.²⁰ Essa posição foi amplamente adotada até o século XIII, quando finalmente foi submetida a novas influências. O *Speculum doutrinal* é também testemunha dessa mudança. Como a maioria dos estudiosos de seu tempo, Vicente de Beauvais acreditava que o conhecimento humano é estruturalmente organizado e ele tomou para si a tarefa de reconstruir a unidade e a sistematização dos diversos domínios científicos ao mesmo tempo em que assimilava novos materiais de origem grega e árabe.

A abordagem de Vicente de Beauvais sobre o problema da classificação das ciências não deixa dúvida de que ele considera tratar-se de uma questão controversa e aberta. O *Speculum doutrinal* enumera diversas posições, incluindo a de Isidoro de Sevilha nos seus *Libri Etymologiarum*, uma posição a que ele se refere como *alii*, a de Hugo de São Vitor, a de Miguel Escoto em uma obra atualmente perdida,²¹ a de Aristóteles nos Livros I e VI da *Metafísica*, a do *De Scientiis*, de Alfarabi, citado a partir da tradução de Domingo Gundisalvo, a do *De ortu scientiarum*, a posição defendida por Avicébron no *Fons Vitae* e finalmente a sua própria posição, que supostamente retoma tanto a de Aristóteles quanto a divisão de autores antigos. O quadro abaixo fornece uma visão geral da posição de Vicente de Beauvais:

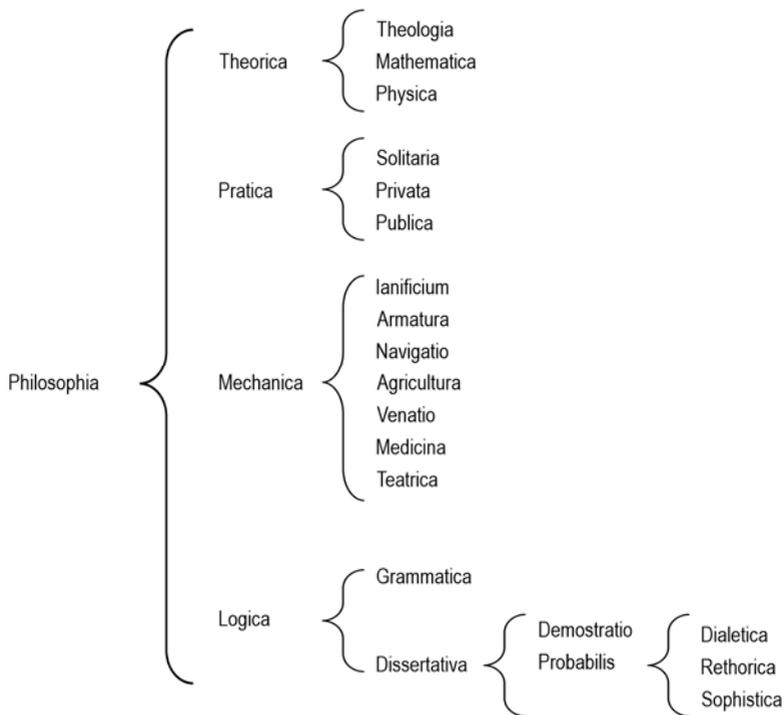
²⁰ BOÉCIO, *De Trinitate*, II, p. 168⁶⁴ – 169⁷⁸: “Nam cum tres sint speculativae partes, naturalis, in motu inabstrata (...), mathematica, sine motu inabstracta (...), theologica, sine motu abstracta atque separabilis (nam dei substantia et materia et motu caret).” BOETHIUS. *Theological Tractates. The Consolation of Philosophy*. Translated by H. F. Stewart, E. K. Rand, S. J. Tester. Loeb Classical Library 74. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.

²¹ As citações de Miguel Escoto foram editadas por BURNETT, CH., “Vincent of Beauvais, Michael Scot and the ‘New Aristotle’”, in LUSIGNAN., S. et PAULMIER-FOUCART, M. (eds), *Lector et compiler: Vincent de Beauvais, frère prêcheur, un intellectuel et son milieu au XIII^e siècle*, Grâne, Ed. Créaphis, 1997, p. 189-213.



Exceto por alguns detalhes, esse quadro assemelha-se ao proposto por Hugo de São Vitor:²²

²² Seguimos aqui CHATILLON, J. "Le 'Didascalicon' de Hugues de Saint-Victor", in *Cahiers d'histoire mondiale* 9/3 (1966), p. 539-552 e POIREL, D., *Hugues de Saint-Victor*, Paris, Editions du Cerf, 1998, p. 56.



Algumas diferenças entre as duas classificações merecem ser ressaltadas. Em primeiro lugar, Vicente de Beauvais introduz a noção de *philosophia liberalis*, noção clássica que encontramos, por exemplo, no Prólogo do *De divisione philosophiae* de Domingo Gundisalvo.²³ Em segundo lugar, encontramos uma certa indecisão acerca do estatuto da medicina, pois essa

²³ DOMINGUS GUNDISSALVI, "De divisione philosophiae", edição por L. Baur, in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, 4, 2-3 (1903), p. 5⁹⁻¹¹: "Humana vero scientia appellatur, que humanis rationibus adiuventa esse probatur ut omnes artes liberales dicuntur." Veja-se também o estudo e textos editados em: LAFLEUR, C., *Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle. Textes critiques et étude historique*. Montréal, Institut d'études médiévales et Paris, Vrin, 1988, mais precisamente: *Acessus Philosophorum*, p. 182²⁴⁻²⁵; *Divisio Scientiarum* d'Arnoul de Provence, p. 316²¹¹⁻²²¹; e o *Divisio Scientie* de Jean de Dacie, p. 20⁵⁻⁶. A explicação fornecida por esse autor para a palavra *liberalis* (p. 21¹⁴⁻¹⁹) retoma a lição do *Didascalicon* de Hugo de São Vitor.

disciplina é dividida em teoria e prática e isso parece romper com a divisão entre filosofia teórica e prática. No entanto, podemos tentar explicar essa ambiguidade pelo fato de que Vicente de Beauvais está seguindo Avicena, autor que está, em última instância, na origem dessa indecisão. Em seu *Canon Medicinae*, o filósofo persa divide a medicina em teórica e prática, ao mesmo tempo em que defende não ter essa distinção o mesmo significado que a entre filosofia em teoria e prática.²⁴

O terceiro ponto que gostaríamos de enfatizar, e sem dúvida o mais importante para o nosso propósito, é a substituição da "teologia" pela "metafísica" no interior da filosofia teórica. Vicente de Beauvais guarda para a metafísica o papel da ciência que trata de Deus, mas o faz baseando-se em Aristóteles e nas fontes árabes: Alfarabi em primeiro lugar e, em segundo, Avicena. Eis como o autor define o que ele chama de "a origem da metafísica":

Assim, a partir da substância do céu surgiu o conhecimento das substâncias que estão nele, a saber das estrelas segundo a igualdade das medidas e a diversidade de suas propriedades e isso tudo pertence à ciência da natureza. Uma vez adquirida, os homens consideraram se haveria algo mais forte e se haveria alguma essência que não possui nem antes nem depois, nem princípio nem fim. Essa investigação foi a causa de conhecer o Deus criador da substância e do acidente. E essa é a ciência divina que é o fim das ciências e sua perfeição. Após ela, não há mais investigação, pois o mesmo é o fim ao qual toda especulação tende e no qual repousa.²⁵

²⁴ AVICENA, *Canon Medicinae* 1, fen. 1., Venise 1564, f° 6: "Quum ergo de medicina dixerimus, quod eius est theorica, et ex ea est practica; non est nisi stimandum, quod velimus dicere, quod una divisionum medicinae est scire, et altera operari; quemadmodum multi hunc locum perscrutantes existimant: sed debes scire, quod illud, quod volumus, est aliud: et quod nulla duarum divisionum medicinae est nisi scientia: sed una earum est ad sciendum principia, et altera ad sciendum operandi qualitatem. post vero primam earum nomine scientiae, aut theoricæ appropriavimus: et alteram appropriavimus nomine practicae." Para a tradução inglesa dessa passagem, consulte-se: AVICENNA, *A treatise on the Canon of Medicine of Avicenna incorporating a translation of the First Book* by C. Gruner. Londres, Luzac & Co., 1930, p. 25-26. Veja-se também o modo como Tomás de Aquino retoma o mesmo ponto em seu comentário ao de *De Trinitate* de Boèce, q. 5, a. 1, ad 4.

²⁵ VINCENT DE BEAUVAIS, *Speculum doctrinale*, f° 19D-E: "Itaque de substantia coeli emerit cognitio de substantiis quae in ipso sunt scilicet de stellis secundum equalitatem mensurarum, ac diversitatem dispositionum earum et hoc totum est scientia de natura, qua adepti, considerauerunt homines an haberet fortiorem, et an esset aliqua essentia non habens prius nec posterius, nec principium nec finem. Haec igitur inquisitio fuit causa cognoscendi Deum Creatorem substantiae et accidentis. Et haec est scientia diuina, quae est finis scientiarum, et perfectio earum; nec restat post eam vlla inquisitio, quoniam ipse est finis, ad quem omnis speculatio tendit, et in ipso quiescit." Para a posição defendida pela Escola de São Vitor, consulte-se: RICHARD DE SAINT-VICTOR, *Liber Exceptionum*, p. 107: "Theologia tractat de invisibiliu invisibilium essentialis, (...). Theologia est quando aut ineffabilem Dei naturam aut spirituales creaturas ex aliqua parte profundissima qualitate disserimus."

Vicente de Beauvais não o diz, mas trata-se de uma paráfrase de Alfarabi, mais precisamente, do *De ortu scientiarum*, traduzida por Domingo Gundisalvo.²⁶ Claramente, o *Speculum doutrinal* não é nem a primeira nem a única obra a operar essa mudança. Encontramo-la já no próprio Gundisalvo o qual, apoiando-se em Avicena, propõe a seguinte lista de nomes para essa disciplina: *theologia sive scientia prima, sive philosophia prima, sive metaphysica*,²⁷ ao mesmo tempo em que reconhece que em Boécio a disciplina era simplesmente chamada de *theologia*.²⁸ Estabelecida essa equivalência, não será raro encontrar a própria definição de Boécio influenciada pelas novas fontes, como constatamos no anônimo *Acessus Philosophorum*.²⁹

3. Metafísica e Teologia no *Speculum doutrinal*

Naturalmente, não é suficiente notar a existência dessa mudança. É necessário ainda questionar o seu significado. Não pensamos que essa seja uma simples mudança de nomenclatura que acabaria por refletir um retorno à fonte original do texto, ou seja, à *Metafísica* de Aristóteles.³⁰ Certamente, as discussões sempre se referiam à obra do Estagirita, fonte primária que

²⁶ Eis a passagem correspondente: FARABI, *De ortu scientiarum*, in BAUEMKER, C., "Über den Ursprung der Wissenschaften (de ortu scientiarum), eine mittelalterliche Einleitungsschrift in die philosophischen Wissenschaften", in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters* 19/3 (1916), p. 21¹⁵⁻³⁵: "Dico quod substantia superior, postquam mentionem fecimus de illa et consideravimus eius essentiam, induxit nos ad inquirendum de illa et de eius massa. Emerisit ergo scientia de substantia caeli et cognitio de substatii quae sunt in illo, scilicet stellis, secundum inaequalitatem suarum mensurarum et diversitatem dispositionum earum. Fuit ergo haec scientia de natura. Deinde consideravimus an haec substantia haberet factorem, et an esset possibile eam non habere factorem, et an esset aeterna, non habens prius et posterius, nec principium nec finem, sicut dixit ille qui non se exercuit in speculatione nec assuefactus est in scientia nec novit scientias naturales nec argumentationes logicas. Inquisitio ergo de hoc fuit causa cognoscendi deum et accedendi ad cognoscendum creatorem substantiae et accidentis. Ex quibus emerisit speculatio quae nos perduxit ad eius esse et compulit nos scire quoniam est. Et scientia de hoc vocatur scientia post naturam, scilicet scientia divina. Quae est finis scientiarum et perfectio earum, et post illam non restat ulla inquisitio; ipsa enim est finis ad quem tendit omnis inquisitio et in ea quiescit. Patet ergo unde emerisit scientia divina et unde orta est."

²⁷ Comparar: DOMINGUS GUNDISSALVI, *De divisione philosophiae*, p. 15⁵⁻⁶ e AVICENNA LATINUS. *Liber de philosophia prima sive scientia divina. I-IV*. Édition critique de la traduction latine médiévale, par S. Van Riet. Introduction doctrinale par G. Verbeke. Leyde, Brill, 1977, vol. I, 2, p. 15⁸⁶ – 16⁰¹.

²⁸ DOMINGUS GUNDISSALVI, *De divisione philosophiae*, p. 15⁶⁻⁹: "Et ob hoc dicit Boëcius, quod physica est inabstracta et cum motu, mathematica abstracta et cum moto, theologia vero abstracta et sine motu."

²⁹ *Acessus Philosophorum*, p. 183⁵⁷-184⁶⁰: "Item, naturalis philosophia dividitur primo in tres partes secundum tres differentias rerum. Sunt enim quedam res separate a motu et materia secundum esse et secundum diffinitionem siue intellectum, et de hiis est metaphisica." Como assinala C. Laffleur em uma nota a essa passagem: "cette division se retrouve dans presque toutes les introductions à la philosophie du XIII^e siècle émanant de la faculté des arts."

³⁰ ARISTÓTELES, *Metafísica* E, 1, 1026a16, onde o Estagirita afirma que a ciência primeira tem por objeto os seres separados da matéria e imóveis.

demandava interpretação. Apesar disso, no entanto, o problema não se resumia a apenas uma discussão terminológica, pois um mero retorno a essa fonte já não era mais possível. Dito mais claramente, não era mais possível abordar diretamente a *Metafísica* de Aristóteles sem passar por uma questão preliminar que a acompanhava desde suas primeiras interpretações, a saber: a definição da metafísica como ciência de um ser separável da matéria *secundum existentiam et definitionem* equivale à definição da metafísica como ciência do ser enquanto ser? Essa pergunta, como sabemos, foi explicitamente colocada por Avicena na forma: "Qual é o *subiectum* da metafísica?". Conhecemos igualmente a sua resposta e as reações que provocou em Averróis. Além disso, os trabalhos de A. Zimmermann³¹ mostraram que os latinos não deram uma resposta unânime ao problema. O historiador alemão identificou três soluções distintas para a questão de se Deus é o sujeito da metafísica. A primeira, afirma que Deus é um dos muitos sujeitos da metafísica. Esse é o caso de Roger Bacon, autor que argumenta ter a metafísica três sujeitos, a saber, o ser em geral, a substância e Deus, e que a unidade desta disciplina se encontra na Primeira Causa, noção que abrange todos os três sujeitos. A segunda solução concebe Deus como a causa do sujeito da metafísica e não como o próprio sujeito. Nesse sentido, Tomás de Aquino argumenta que Deus não é nem o sujeito da metafísica nem um de seus sujeitos. Se Deus é estudado nessa disciplina, o é porque é a causa de seu sujeito, isto é, do ser em geral. A terceira solução toma Deus como parte do sujeito da metafísica. Henrique de Gand, um dos representantes desta posição, nega ser Deus o sujeito dessa disciplina, mas também nega que Deus é o princípio ou causa do sujeito. Como o sujeito é o ser em geral, Deus é uma parte do sujeito da metafísica.

Convém notar que a posição de Vincent de Beauvais não se reduz a nenhuma dessas três posições. De uma forma muito próxima a Domingo Gundisalvo, Vincent baseia-se principalmente em fontes gregas e árabes. E se consultarmos as quatro autoridades que ele cita (Aristóteles, Miguel Escoto, Algazel e Avicena), veremos rapidamente que três dentre elas transmitem as teses de Avicena. De fato, podemos dividir as teses reunidas por Vicente de Beauvais, veremos que elas se articulam em torno de dois grupos principais de questões: qual a função desempenhada pela metafísica no sistema do conhecimento humano e qual a sua estrutura interna.

³¹ ZIMMERMANN, A., *Ontologie oder Metaphysik? Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. und 14. Jahrhundert. Text und Untersuchungen*, Leuven, Peters, 1998, p. 156-250.

1) A metafísica no sistema de conhecimento humano

Há dois pontos a considerar: a finalidade dessa disciplina e sua posição com respeito às demais disciplinas:

a) Finalidade: Vicente de Beauvais assume expressamente a posição de Avicena: o propósito último de toda ciência é a aquisição da perfeição da alma humana para alcançar a felicidade futura. Mas se considerarmos o propósito específico da metafísica, isto é, o que ela pode trazer que é específico ao sistema de conhecimento humano, descobrimos que o propósito da metafísica é proporcionar certeza sobre os princípios de outras ciências.

b) Hierarquia: O *Speculum doutrinal* cita duas autoridades para mostrar que a metafísica é a ciência suprema: Avicena e Miguel Escoto. Na verdade, as duas posições são bastante próximas e todas as declarações do último pensador podem ser encontradas já no filósofo persa. Além disso, as citações de Avicena provêm do início de sua obra, ou seja, da parte em que ele discute as caracterizações de Aristóteles acerca da metafísica.³² Haveria duas razões para a metafísica ocupar o lugar que ocupa no sistema de conhecimento humano. É a disciplina mais elevada porque é a ciência divina, isto é, a ciência dos seres separados da matéria por definição e pela sua existência; é primeira filosofia, ou seja, é a ciência que prova os primeiros princípios das demais ciências.

2) A estrutura interna da metafísica

Com respeito à estrutura dessa disciplina, é preciso considerar primeiramente o seu campo o domínio de investigação (*subiectum*) e, posteriormente, as divisões internas da disciplina:

a) *Subiectum*: A despeito de referências a textos de Algazel e Miguel Escoto (que por sua vez reivindicam a autoridade de Aristóteles), as ideias recolhidas provêm em última instância de Avicena. A passagem de Miguel Escoto segue as linhas gerais do início do LPP, onde o filósofo persa mostra porque nem Deus nem as quatro causas podem ser objeto de metafísica, enquanto a citação de Algazel é, como sabemos, um texto do próprio Avicena. Em todo caso, a posição é clara: o sujeito da metafísica é o *ens* (*inquantum ens tantum*, diz Algazel), enquanto Deus e as quatro causas são investigados por essa ciência.

³² Sobre a estrutura da metafísica segundo Avicena, consulte-se: STORCK, A., "As noções primitivas da Metafísica segundo o *Liber de Philosophia Prima* de Avicena", in *ANALYTICA* v. 9, n.2 (2005) p. 13-41.

b) Divisões: Desta vez, a autoridade árabe citada é Alfarabi, mas Aristóteles, Avicena, Algazel e Avicbron também estão presentes, explicitamente nomeados por Miguel Escoto. Se considerarmos que a terceira divisão de Alfarabi corresponde à terceira e quarta de Miguel Escoto, então as duas divisões nos parecem quase idênticas. A metafísica investiga os "concomitantes" do ser (para usar aqui a fórmula de Avicena), demonstra os primeiros princípios de outras ciências e prova a existência de Inteligências e Deus.

Em suma, o *Speculum doctrinal* testemunha não somente a assimilação de novos conhecimentos de origem árabe, mas também a influência destes elementos na apresentação da estrutura mesma do conhecimento humano. A tese que serve como pano de fundo para os primeiros capítulos do *Liber de Philosophia Prima* de Avicena e o orienta na sua leitura da Metafísica de Aristóteles, também pode ser identificada pela forma como Vicente de Beauvais reproduz as ideias do pensador persa: a metafísica é uma ciência e, portanto, deve: a) ocupar um determinado lugar no sistema de conhecimento humano; b) possuir uma estrutura muito precisa.

Salientemos, no entanto, que a admissão dessa tese não era isenta de dificuldades aos olhos dos latinos, isso porque, tomada em sua universalidade, ela exclui a própria possibilidade da teologia cristã. De fato, se a metafísica é a ciência suprema, então ela ocupa o mais alto grau de conhecimento possível e cabe somente a ela provar as mais certas proposições acerca da natureza divina. Para a teologia cristã, essa tese é sem dúvida problemática, pois parece excluir de antemão a atribuição de um tipo particular de conhecimento que as proposições teológicas poderiam reivindicar. A dificuldade passa então ser a de compatibilizar a verdade das teses presentes na teologia cristã com a tese segundo a qual as verdades mais elevadas são aquelas provadas pela teologia dos filósofos (gregos e árabes). Havia apenas três respostas possíveis:

i) A teologia cristã não é absolutamente uma ciência

Essa possibilidade, altamente explorada pelos latinos, pode significar que a teologia cristã é então um conhecimento de um tipo diferente, isto é, uma espécie de "sabedoria". No entanto, essa solução somente seria possível caso certas condições forem atendidas, como o desenvolvimento de uma nova noção de verdade capaz de explicar o tipo de "conhecimento" que a teologia cristã poderia reivindicar;

ii) A teologia cristã é uma ciência no sentido estrito da palavra "ciência"

Nesse caso, como a metafísica é a ciência suprema, só há duas possibilidades a considerar:

Em primeiro lugar, teologia seria inferior à metafísica, uma situação que seria dificilmente aceita, pois implicaria uma subordinação das verdades recebidas de Deus às verdades apreendidas pela razão humana, e, por via de consequência, a subordinação da Bíblia aos ensinamentos de Aristóteles e dos pagãos. Em segundo lugar, a teologia seria idêntica à metafísica, solução não menos problemática, uma vez que a própria noção de "verdade revelada" estaria fortemente comprometida e mesmo subvertida;

iii) A teologia cristã é uma ciência, mas num sentido derivado da palavra "ciência"

Com essa solução, procurava-se manter certas analogias estruturais entre as ciências no sentido aristotélico do termo e a teologia cristã, sendo essa última, propriamente falando, uma quase-ciência.

Já sabemos que os latinos debateram longamente essa questão durante os séculos XIII e XIV e que o caminho rumo à constituição da ciência teológica não foi sem incidentes.³³ O *Speculum doutrinal* aborda especificamente o problema, mas a sua solução não chega a levar em conta todos os dados disponíveis. Podemos afirmar, portanto, que Vicente de Beauvais consegue compreender a dificuldade, mas a interpreta seguindo as lições de Hugo de São Vítor e pagando o preço pelas fraquezas que essa posição contém. Assim, se a posição de Hugo já revelava algumas tensões no quadro da organização das ciências do século XII, com a chegada dos novos elementos de origem grega e árabe, essas tensões transformar-se-ão rapidamente em verdadeiras contradições.

De acordo com o *Didascalicon* de Hugo de São Vítor, a teologia é a mais alta das ciências e que é a ciência dedicada a Deus e às realidades invisíveis. No entanto, em seu comentário acerca da *Hierarquia Celeste* do Pseudo-Dionísio, Hugo inverte o padrão e considera que a teologia pode ser divina ou humana. A primeira é a teologia da revelação, trazida aos homens por Cristo, enquanto a segunda é a sabedoria profana, que é a dos gregos e de alguns romanos. Ambas partem do mundo visível para alcançar as realidades

³³ Sobre isso consulte-se: TROTTMANN, C., *Théologie et noétique au XIII^e siècle*, Paris, Vrin, 1999. Veja-se ainda: STORCK, A., "Autonomia e subalternação. Notas acerca da estrutura e dos conflitos das Teologias em Tomás de Aquino", in: ÉVORA, F. et alii, (org.). *Lógica e Ontologia. Ensaio em homenagem a Balthazar Barbosa Filho*, São Paulo, Discurso Editorial, 2004, p. 387-418.

invisíveis, mas enquanto a primeira alcança sua meta, a segunda perde-se em idolatria. E isso porque Deus mostrou ao mundo uma sabedoria paradoxal: o que se assemelha à sabedoria é a verdadeira loucura, o que se assemelha à loucura é a verdadeira sabedoria, a saber, o Cristo na Cruz. Dito isso, Hugo pode respeitar a hierarquia das ciências simplesmente porque a doutrina sagrada contém o mais alto grau de conhecimento. É ela que "completa" as ciências profanas e lhes dá um sentido real; sem ela, o edifício do conhecimento "se desdobra em conhecimento absurdo e fragmentado". No entanto, essa solução pode ter-lhe parecido razoável somente porque a *sapientia* não está sujeita às mesmas restrições que a ciência. As restrições técnicas introduzidas pelos *Segundos Analíticos* de Aristóteles acerca da noção de ciência estão ausentes e somente por isso as *Escrituras Sagradas* poderiam ainda ser consideradas como a expressão mais completa da verdade.

Quando Vicente de Beauvais escreve o *Speculum maius*, a situação havia mudado significativamente. Já não era mais possível colocar a sabedoria no mais alto nível da hierarquia científica. Isso seria o mesmo que desistir de uma fundação para a ciência e destruir o seu edifício. Além disso, como a teologia cristã não pode ser a ciência dos primeiros princípios, a metafísica passa a ter um papel importante a desempenhar na nova organização do conhecimento. Ainda assim, Vicente de Beauvais continua a seguir o caminho traçado por Hugo de São Vitor. Sempre fiel à ideia do conhecimento como remédio para os males da alma humana, Vicente procura colocar o remédio principal na vanguarda do conhecimento. É por isso que ele às vezes lê a fórmula "teologia = metafísica" de acordo com os critérios do século XII e afirma para a teologia um lugar que já não mais podia ocupar:

“Autor: Após a metafísica e as demais ciências inferiores, tanto práticas quanto teóricas, que foram descobertas pelos gentios e pagãos, resta por último tratar mais amplamente da teologia. Sobre ela, os filósofos não conseguiram alcançar um conhecimento verdadeiro, para ela enquanto fim, todas as demais universalmente se ordenam e como à uma rainha se subordinam. Mas a mesma ciência parece ser chamada metafísica pelos filósofos que entre nós é chamada teologia, pois a teologia trata das essências invisíveis dos visíveis e o mesmo ocorre com a metafísica. Por isso também a metafísica se chama ciência divina e filosofia primeira e ciência das ciências. E ocupa por seu mérito um local supremo e último

entre os filósofos e foi descoberta por último após as demais ciências.”³⁴

A expressão "*philosophia prima*" está certamente presente, mas Vicente de Beauvais não parece realmente tê-la em conta. É como se o problema fosse simplesmente o de saber qual é a ciência mais elevada. Volta-se assim aos critérios de Boécio e Hugo segundo os quais a disciplina mais elevada é aquela que busca o ser mais abstrato e conclui facilmente que esta é a verdadeira teologia, pois só a verdadeira teologia pode contemplar substâncias invisíveis. Trata-se aqui de um retrocesso em relação às teses dos capítulos anteriores. Tudo o que foi dito sobre o estatuto da metafísica e o conhecimento que ela pode trazer é agora descrito como falso e louco. A razão da mudança de perspectiva já não é difícil de compreender: uma vez que só há uma ciência que pode ocupar o lugar mais alto entre as ciências, a teologia cristã e a dos filósofos pagãos tornam-se antagônicas e mutuamente exclusivas. Da mesma forma que Hugo de São Vitor, Vincent de Beauvais considera que ambas as disciplinas pretendem conduzir ao conhecimento das mesmas realidades e que só a teologia cristã consegue isso, enquanto a dos filósofos pagãos se perde em erros. Em uma palavra, tudo se joga na oposição teologia mundana vs. teologia divina. Isso conduz, em última análise, à oposição entre o discurso dos homens sobre Deus e o discurso de Deus aos homens. Apesar de algumas semelhanças, os dois discursos serão sempre separados. Um se baseia nos elementos naturais, enquanto o outro "se expressa através das obras de restauração, isto é, dos sacramentos de Cristo". E se alguém se pergunta qual é a mais verdadeira, a teologia cristã ou a teologia mundana? Qual deles merece o nome de sabedoria suprema? A resposta é quase evidente: a teologia cristã. Não é por acaso que as últimas páginas do *Speculum doctrinale* pretendem rever os médicos da *sacra scriptura*. É ela quem carrega a verdade suprema, são estes médicos que nos fazem compreendê-la.

³⁴ VINCENT DE BEAUVAIS, *Speculum Doctrinale*, f^o 1549A-C: "Auctor: Post Metaphysicam ac caeteras inferiores scientias, tam practicas, quam theoreticas, quae a Gentilibus, et Paganis inuenta sunt, ad ultimum de theologia latius dicendum restat. Ad cuius veram noticiam etiam philosophi peruenire non potuerunt, ad hanc enim tanquam ad finem reliquae omnes vniuersaliter ordinantur, eique; tanquam reginae multipliciter famulantur. Quanquam eadem scientia videatur apud philosophos appellari Metaphysica, quae apud nos vocatur Theologia; eo quod Theologia tractat de inuisibilibus visibilium essentis, et similiter Metaphysica: unde et Metaphysica vocatur scientia diuina, et Philosophia prima, scientiarumque scientia: et ipsa merito supremum, et vltimum apud philosophos locum tenet, quae ab ipsis vltimo tempore post reliquas scientias est inuenta."

Referências

- ALFARABI. *De ortu scientiarum*, in BAUEMKER, C., “Über den Ursprung der Wissenschaften (de ortu scientiarum), eine mittelalterliche Einleitungsschrift in die philosophischen Wissenschaften”, in *BGPMA* 19/3 (1916)
- AVICENNA LATINUS. *Liber de philosophia prima sive scientia divina. I- IV*. Édition critique de la traduction latine médiévale, par S. Van Riet. Introduction doctrinale par G. Verbeke. Leyde, Brill, 1977.
- AVICENNA. *A treatise on the Canon of Medicine of Avicenna incorporating a translation of the First Book* by C. Gruner. Londres, Luzac & Co., 1930.
- AVICENNA. *Canon Medicinæ*, Venise 1564.
- BOETHIUS. *Theological Tractates. The Consolation of Philosophy*. Translated by H. F. Stewart, E. K. Rand, S. J. Tester. Loeb Classical Library 74. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1973.
- BURNETT, CH. “Vincent of Beauvais, Michael Scot and the ‘New Aristotle’”, in LUSIGNAN, S. et PAULMIER-FOUCART, M. (eds), *Lector et compilator: Vincent de Beauvais, frère prêcheur, un intellectuel et son milieu au XIII^e siècle*, Grâne, Ed. Créaphis, 1997, p. 189-213.
- CHATILLON, J. “Le ‘Didascalicon’ de Hugues de Saint-Victor”, in *Cahiers d’histoire mondiale* 9/3 (1966), p. 539-552.
- CHENU, M.-D. *La Théologie au XII^e siècle*. Paris, Vrin, 1954.
- DE RIJK, L. M. “Some Notes on the Twelfth Century Topic of the Three (Four) Human Evils and of Science, Virtue, and Techniques as Their Remedies”, in *Vivarium* 5, 1 (1967), p. 8-15.
- De Trinitate* de Boèce, q. 5, a. 1, ad 4.
- DOMINGUS GUNDISSALVI. “De divisione philosophiae”, edição por L. Baur, in *Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters*, 4, 2-3 (1903).
- GAGNON, C., “Serge Lusignan, Préface au Speculum Maius de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction [compte-rendu]”, *Revue Philosophique de Louvain*, 46 (1982), p. 319-324.
- HUGO DE SÃO VITOR. *Didascalicon. Da arte de ler*. Introdução e tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.
- HUGO DE SÃO VITOR. *The Didascalicon of Hugh of St. Victor*. A medieval guide to the arts, translated from the latin with an introduction and notes by J. Taylor, New York, Columbia University Press, 1961.
- LAFLEUR, C. *Quatre introductions à la philosophie au XIII^e siècle. Textes critiques et étude historique*. Montréal, Institut d’études médiévales et Paris, Vrin, 1988.
- LEMOINE, M. “L’œuvre encyclopédique de Vincent de Beauvais”, in *Cahiers d’histoire mondiale* 9/3 (1966), p. 571-579.

- LUSIGNAN, S. *Préface au Speculum mains de Vincent de Beauvais: réfraction et diffraction*. Paris, Vrin, 1979.
- MORELLI, A. “Il ruolo delle arti quadriviali nello *speculum doctrinale* de Vincenzo di Beauvais”, in *Medioevo* 25 (1999-2000), p. 211-235.
- MUNIER, C. “Introduction”, in VINCENT DE BEAUVAIS, *De Institutione morale du prince*, édition établie, présentée et annotée par C. Munier, Paris, Éditions du Cerf, 2010, p. 21-22.
- PAULMIER, M. “Étude sur l'état des connaissances au milieu du XIII^e siècle: nouvelles recherches sur la genèse du *Speculum maius* de Vincent de Beauvais”, in *Spicae, Cahiers de l'atelier Vincent de Beauvais* 1 (1978), p. 91-121.
- POIREL, D. *Hugues de Saint-Victor*, Paris, Editions du Cerf, 1998.
- RICHARD DE SAINT-VICTOR. *Liber exceptionum*, texte critique avec introduction, notes et tables publiées par J. Chatillon, Paris, Vrin, 1958.
- SCHNEIDER, J. “Une encyclopédie du XIII^e siècle: le ‘Speculum maius’ de Vincent de Beauvais”, in HASENOHR, G. et LONGERE, J. (eds), *Culture et travail intellectuel dans l'occident médiéval*, Paris, Éditions du CNRS, 1981, p. 187-195.
- SILEO, L., “Il libro: forme d'insegnamento e generi letterari”, in G. D'ONOFRIO (ed.), *Storia della Teologia nel Medioevo. II. La grande fioritura*, Casale Monferrato, Piemme, 1996, p. 551-601.
- STORCK, A. “As noções primitivas da Metafísica segundo o *Liber de Philosophia Prima* de Avicena”, in ANALYTICA v. 9, n.2 (2005) p. 13-41.
- _____. “Autonomia e subalternação. Notas acerca da estrutura e dos conflitos das Teologias em Tomás de Aquino”, in: ÉVORA, F. et alii, (org.). *Lógica e Ontologia. Ensaio em homenagem a Balthazar Barbosa Filho*, São Paulo, Discurso Editorial, 2004, p. 387-418.
- TROTTMANN, C. *Théologie et noétique au XIII^e siècle*, Paris, Vrin, 1999.
- VINCENT DE BEAUVAIS. *Bibliotheca Mundi seu Speculum Maius ... Speculum quadruplex, naturale, doctrinale, morale, historiale, ...* Douai, 1624, 4 vol.
- WEISHEIPL, J. “Classification of Sciences in Medieval Thought”, in *Medieval Studies*, 27 (1965), p. 54-90.
- WEISHEIPL, J. “The nature, scope and classification of the sciences”, in LINDBERG, D. C. (ed), *Science in the Middle Ages*, Chicago, Chicago University Press, 1978, p. 461-482.
- ZIMMERMANN, A. *Ontologie oder Metaphysik? Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. Und 14. Jahrhundert. Text und Untersuchungen*, Leuven, Peters, 1998, p. 156-250.